



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A REPRESENTAÇÃO DA FEMINILIDADE NAS ‘CARTAS PARA
ESTHER’ (1908-1919)**

Deyse Cardoso

Paulo Fernando de Souza Campos (Orientador)

O contexto histórico demarcado pela década de 1910 e a cidade de São Paulo evoca uma rápida transformação social do espaço urbano, que alterou a vida e o trabalho das pessoas. Motivada pela industrialização, a cidade recebeu muitos imigrantes e operários de outras regiões do Brasil, que pretendiam ampliar suas possibilidades para além do trabalho em fazendas de café, em condições precárias, presos a regimes de comodato e dominados pela extremada pobreza no campo.

Na década de 1910 as capitais brasileiras estavam voltadas para uma mesma perspectiva, qual seja, a modernização. Por meio da monumentalidade de suas construções, característica da arquitetura europeia, as cidades buscavam fixar sua presença na história. São Paulo tem como exemplo o teatro municipal e o Anhangabaú, construções que alteraram a antiga representação da cidade, sem os ares de cosmopolitismo pretendido e alcançado com as reformas urbanas, as quais alteraram a geografia de São Paulo. Muitas casas coloniais, antigas ruas, estreitas, foram destruídas em nome da higienização da cidade; o que não impediu que em 1918 a epidemia de gripe espanhola ocorresse em São Paulo, que alcançou cerca 9.000 mortos. Na época havia uma grande preocupação com a higiene por causa da proliferação de doenças. As habitações populares que se adensavam eram consideradas redutos de doenças, as acomodações precárias e locais frequentados por trabalhadores como bares e botequins, eram considerados por médicos e advogados

como lugares que deveriam ser eliminados, pois promulgadores dos males sociais: a miscigenação, a prostituição, a criminalidade. Os pobres eram vistos com desconfiança, pois tinham os hábitos higiênicos questionáveis, dadas as condições de vida e trabalho a que estavam submetidos (RODRIGUES, 1997).

A partir de 1910 os operários passaram a ter uma maior assistência como moradia, escola, creche e recreação esportiva por parte de alguns empresários, que constroem vilas operárias. Por outro lado, os equipamentos resultavam em um maior controle da vida do operariado. Nesse contexto, a mulher passou a ser mais presente na vida pública, tendo uma brandura nas exigências morais que lhes eram impostas, como revelam os veículos de informação como a *Revista Feminina*, dirigida por duas mulheres e que circulava em 1914, a qual tratava de diversos assuntos como os direitos da mulher ao voto ou sobre cinema, que difundia um novo modelo de comportamento para mulheres fora dos limites do lar, ampliando seu campo de trabalho e exibindo sua feminilidade. (RODRIGUES, 1997)

Algumas mulheres conseguiram chegar às faculdades, alcançaram carreiras ditas masculinas, mas mesmo assim sempre presas ao discurso nos quais emergem como frágeis e as levavam de volta ao papel de boa mãe e esposa. As oportunidades profissionais em funções consideradas femininas, sempre longe de algum cargo de chefia ou decisão, restringiam as mulheres. Nas fábricas, mesmo as mulheres pobres eram vistas como frágeis e suscetíveis a conquistas rápidas, portanto, imbecilizadas e vulgarizadas. As que por algum motivo não desejavam ter filhos, segundo a medicina da época, colocavam-se contra a vocação natural da mulher, pois deixava de ter futuros cidadãos (RODRIGUES, 1997).

Desse universo social e mental, o presente trabalho, pretende evidenciar os significados atribuídos por um homem a uma mulher de elite no início do século XX, considerando que a especificidade do caso permite supor que o contrário das imagens sugeridas pelos enunciados das cartas atingiam outras mulheres, outros sentimentos.

HISTÓRIA DAS MULHERES, HISTÓRIA DO SENTIMENTO

A história das mulheres emerge da considerada terceira geração dos Annales. A terceira geração dos Annales surge em 1968 com a aposentadoria de Fernand Braudel (1902-1985) da direção da revista e a tomada da liderança da revista e presidência do

École des Hautes Études en Sciences Sociales por Jacques Le Goff (1924-2014). Esta terceira geração é caracterizada por mudanças intelectuais, não existindo, desta maneira, um modelo nos estudos de História, sendo difícil traçar um perfil, pois ninguém dominou esta escola historiográfica, como fizeram Bloch, Febvre e Braudel.

A terceira geração é a primeira a incluir mulheres, especialmente Christine Klapisch, que trabalhou sobre a história da família na Toscana durante a Idade Média e o Renascimento; Arlete Farge, que estudou o mundo social das ruas de Paris no século XVIII, Mona Ozouf, autora de um estudo muito conhecido sobre os festivais durante a Revolução Francesa; e Michele Perrot, que escreveu sobre a história do trabalho e a história da mulher [...]. Os historiadores anteriores dos *Annales* haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher fora da história, ou mais exatamente, por terem perdido a oportunidade de incorporá-la à história de maneira mais integral, já que haviam obviamente mencionado as mulheres de tempo em tempo, desde Marguerite de Navarre às chamadas bruxas [...]. (BURKE, 1992 pp. 56).

A história da mulher surgiu da crise dos paradigmas tradicionais da escrita da história. Um fator que contribuiu para dar maior visibilidade às mulheres foi o crescimento da mulher no mercado de trabalho e nas universidades. A expansão dos estudos sobre a mulher vincula-se a uma redefinição do político, ou seja, a descoberta do político no âmbito do cotidiano. Nesse sentido, destacaram-se os estudos sobre a mulher no espaço urbano, em seu trabalho para colaborar na manutenção da casa, o papel feminino na família, casamento, maternidade e sexualidade. A dificuldade de se estudar a história das mulheres está mais na fragmentação dos documentos, o que por consequência nos abriga a nos prender aos detalhes (MATOS, 2000).

A história do sentimento também emerge da Nova História, com a terceira geração da Escola dos Annales. A obra de Jean Delemeau “História do Medo no Ocidente” publicada em 1978 é considerada referência sobre o estudo da história do sentimento, obra que pretende renovar os domínios tradicionais da história propondo novas problemáticas e metodologias, assim como fontes poucos exploradas na sua época como literatura e imagens. Delemeau afirma que o medo está presente por toda a nossa existência, mas sua concepção é relativa as mudanças da história, portanto, que os sentimentos interferem no desenvolvimento das sociedades e impacta no processo histórico. Apesar de o sentimento integrar a natureza humana, esse valor também é histórico, pois presente em diferentes tempos, espaços e sociedades. (MENESES, 2014)

Estudos e pesquisas brasileiras também são importantes para o estudo das sensibilidades. Mary Del Priore em “A História do Amor no Brasil” faz um balanço das experiências amorosas desde a chegada dos portugueses, caracterizando-se como uma obra importante para o estudo dos sentimentos. Mary Del Priore aborda especificamente o sentimento do amor e dos amantes em sua obra. De acordo com a autora o amor é um milagre de encantamento, em que os indivíduos relacionados selecionam os amantes. Assim, o amado torna-se um ser singular perante aos demais destacando-se em sua particularidade. Portanto, estudar os sentimentos como o amor, implica conhecer a cultura e sociedade nos seus mais diferentes aspectos. Os estudos de História do Sentimento tem em sua abordagem a compreensão das variadas formas como os sentimentos foram representados e compreendidos ao longo de diferentes contextos visando entender a presente estrutura cultural através dos sentimentos. (PRIORE, 2012). Para a autora, fontes como cartas, retratos e obras literárias possibilitam pesquisar acerca dos sentimentos e culturas.

A coletânea “História e Sensibilidades”, organizada por Marina H. Ertzohue e Temes G. Parente, estão reunidos textos que abordam essa perspectiva da pesquisa em história. As autoras partem do seguinte questionamento: o que é um historiador das sensibilidades? Para responder essa pergunta, se apropriam de Alain Corbin ao reiterarem que “o historiador das sensibilidades toma como ponto de partida a maneira como as pessoas se representam, em distintos momentos históricos, cabendo-lhe interpretar a coerência, as conexões dessas representações em seu universo.” (2006, p. 17). A sensibilidade faz parte da história e abriu um espaço novo para o estudo do sentimento.

ESCRITA EPISTOLAR: NOVAS FONTES E NOVOS MÉTODOS

A escrita de cartas é motivada pela ausência. A troca de cartas, cuja origem se perde na antiguidade, teve seu ápice na Europa Ocidental, durante os séculos XVIII e XIX. Pode se escrever uma carta por variadas razões: conversar, desabafar, agradecer, pedir, informar e etc., todavia, elas seguem um padrão e tem seu próprio ritmo de tempo, nos moldes das cartas escritas no início da década de XX demorava a chegar ao destinatário, tanto quanto para que uma resposta fosse dada ao remetente. Seja como for, as cartas não só aproxima quem está longe, mas nos diz a respeito de quem a escreveu e

revela sempre algo sobre quem a recebe, nesse ponto, nos permite supor a intensidade do relacionamento entre as partes (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002)

As cartas passaram a ser instrumento de trabalho importante para o historiador, aguçado o interesse do leitor, ansiosos em desvendar o outro em atos puramente humanos. Temos hoje algumas obras onde o objetivo é mostrar personalidades da história em momentos de intimidade, o que só é possível através dessas cartas. Há trabalhos também em que o objetivo é mostrar o cotidiano anônimo, comum, mas cuja circularidade cultural dos valores impressos nos permite ampliar a escala de análise e perceber como as singularidades expressas nas cartas atingem as demais pessoas, no caso do presente estudo, a representação do feminino.

A carta sempre tem um destino a seguir, uma pessoa a quem é endereçada e por isso é de caráter privada, talvez por essa razão elas se tornaram fontes históricas, pois nelas contem fatos que seus remetentes e destinatários preferiam manter em segredo. Mais mesmo sendo uma fonte rica para o estudo do privado, essa fonte não foi ainda devidamente estudada e aproveitada. As fontes estudadas neste trabalho, as cartas para Esther, evidenciam algumas pistas que permitem traçar a personalidade dessa mulher e assim não só desvendar parte da história de vida de uma mulher na década de 1910 em São Paulo e descobrir aspectos sobre a vida das mulheres da época, mas perceber a representação do feminino expressas por um homem.

Naninho, como se autodenominava Maximiliano, ao responder as cartas de Esther revela traços da personalidade de Esther como também as relações de gênero que emanam dos arranjos amorosos que levaram ao casamento. A partir do modo com que ele responde às suas cartas, dos meios que utiliza para apaziguá-la em momentos em que Esther sugere estar aflita, o que é sutilmente realizado por meio dos elogios, considerações de afeto, Naninho sugere como a mulher deveria e ser vista e como ela deveria se portar na relação entre os gêneros. Na carta datada em 22/10/1910, ele exalta a figura da mulher declarando o homem como o sexo forte “talhado para o sofrimento” e para enfatizar faz menção ao papel da mulher como consoladora, a que suaviza e faz a vida do homem mais doce com seu modo meigo e palavras ternas. Por mais que sofra, a mulher deve fazer com que o homem tenha horas alegres quando por ela acariciado, pois Deus a fez desse modo puro e cândido. Após ler uma carta de Esther, em resposta, cita um verso de Freitas Guimarães:

Li attentamente a tua carta e recordei-me de Freitas Guimarães quando diz em um de seus escriptos: Que a felicidade, a ventura de um casal ou de dois corações que pulsam, ha de ter, uma vez ou outra, embora de longe em longe , alguma nuvemzinha a enturvecer, mesmo de leve, a limpidez primaveril de tão crystalino céu.

A carta permite entender que o casal passou por algum desentendimento, pois Naninho se mostra compreensivo, dizendo que é normal haver desavenças entre casais, o que considera algo positivo para os arranjos amorosos, inclusive, para poder se fazer as pazes. Apesar de entender que Esther nem sempre se mostrará alegre e risonha, ele pede que mesmo assim tenha sempre alguma palavra de consolo.

Elle, que foi talhado para o soffrimento e para as grandes lutas da vida, possuidor de um coração rijo, duro e forte, inabalável nos seus actos e recto no seu pensar o que seria d'elle se não fosse a mulher, que o suavisa e o consola em suas dores, que lhe da uma existência mais aprazível e doce, com o seu modo manso e com suas palavras ternas!...

As cartas evidenciam o convencimento de Naninho, e impunha uma representação acabada da mulher considerada ideal para um homem que assumia a posição na qual se encontrava, um representante da elite intelectual e muito bem relacionado como vemos na passagem abaixo.

Não sei quando poderei até ahi chegar, visto ao muito serviço que tenho e terei nestes mezes aqui na Estação Zootechnica. O acumulo de trabalho é enorme. Estou contentíssimo aqui em S. Carlos, pois o povo todo sympathizou-se comigo, sendo alvo dos maiores elogios, apesar de não os merecer. Todos me tratam com muita distinção. Para maior garantia minha, sou amigo intimo do Presidente e Prefeito da Camara. Estou certo que tudo conseguirei d'elles. (MEDINA, 1910)

Formado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, trabalhava na Directoria de Industria Animal, da Estação Zootechnica "Dr. Padua Salles", na cidade de São Carlos, interior de São Paulo, de onde eram postadas as cartas enviadas para Esther.

Como com certeza lestes no “Estado” de hoje serei futuramente proprietário de um hippodromo que eu e mais tres amigos iremos crear aqui em S. Carlos. (...) capital de 20:000.000, que nos renderá pelo mínimo, segundo calculos feitos, 2:400.000 mensalmente livres de despesas, (...). É alto negocio e magnifico de ca-capital: não achas? Si o café manter-se no preço que está actualmente, será então uma verdadeira mina, porque a fazendeirada toda, com o entusiasmo que tem por este genero de sport, arriscara boa parte de cobre em apostas e compras de poules. O hippodromo é assumpto predileto de S. Carlos, mesmo entre as gentis senhoritas. (MEDINA, 1910)

Na carta acima Naninho compartilha com Esther a notícia publicada de que futuramente seria dono de um hipódromo que, em parceria com três amigos, criaria em São Carlos. Nesta passagem, podemos considerar a sociedade em que Naninho estava inserido. Devido aos valores citados como investimentos e lucros do empreendimento, é possível supor que se tratava de um homem de negócios.

A' Esther Quer como filha, como irmã ou como noiva, sempre admirei em ti, um simbolo de honestidade e virtude. Sê modesta, bôa e virtuosa, para seres neste mundo o emblema augusto da digna e virtuosa esposa. Se me compreenderes descobiras por certo os sentimentos de meu coração. Veras então que estas errada quanto a modo de me julgares. Abandona a desconfiança pois isso poderá nos trazer algum sofrimento. Tenha fé em Deus e em mim se quiseres a felicidade. E' tão grande o amor que te consagro que jamais poderei te esquecer um só momento. Longe ou perto o meu pensamento sempre se voltará para o teu lado. Se algum dia eu faltar neste mundo, lá na outra, se por ventura exista um outro mundo, ainda tu serás lembrada com a mesma afeição íntima com que foste neste. De teu noivo Naninho.

Na carta de 07/02/1916, quando Naninho enaltece Esther, caracterizando-a como virtuosa, digna e honesta como maneira de conquistar sua noiva, o escrevente acaba por traduzir uma imagem de Esther, que se mostra vaidosa e orgulhosa, além de parecer em alguns momentos ciumenta, ao desconfiar da fidelidade e sentimentos de Naninho. O escrevente continua a expressar o seu amor dizendo que para sempre continuará a amá-la, sempre lhe fazendo acreditar na fidelidade e imensidão de seu amor. O resultado positivo aparece no final dessa carta, na qual Esther escreve, na mesma carta, ao final da escrita de Naninho, sobre o quanto está feliz com o relacionamento e que o ama dizendo ao seu noivo “Nestas palidas palavras se resume a minha felicidade. Quero que me queiras bem, tanto quanto te quero. Da tua Esther” (FIGUEIREDO, 1916)

Em carta enviada na data de 06.03.1911 Naninho inicia o texto pedindo explicações devido ao prolongado silêncio de Esther. Diz que ficou sabendo que ela estava com raiva dele, mas diz não acreditar, pois sabe o quanto ela era “boasinha”.

Depois de muito esperar pela resposta da minha última carta envio-te está com o fim de pedir explicações sobre tão longo silencio. Eu continuo cada vez melhor. Disseram-me que estais muito zangada comigo; será exato? Não acreditei pois sei o quanto és boasinha. (MEDINA, 1911).

Em outra carta Naninho reitera a imagem de Esther ao delinea-la a partir de adjetivos que a qualificam como bondosa, caridosa, que perdoa. A mulher nesse momento é representada pela passividade:

São bem justos os motivos pelos quaes não te escrevi logo que aqui cheguei, que mesmo sem enumera-los certo estou que obterei o teu perdão. És boazinha e desculparás as faltas por mim comettidas. Não é assim?

Ao usar de predicados como boazinha para assim amenizar a suposta raiva que sua noiva estaria sentindo, Naninho revela o que seria uma qualidade da mulher ou que ela deveria ter. Todavia, essa representação contrasta com a carta de 03.05.1911.

Escrevo-te esta, além de cumprir um dever para contigo, vou dar noticias da minha esquecida e insignificante pessoa e colher ao mesmo tempo pela volta do correio, novas tuas e dos teus. Quando dahi parti como sabes, na sexta-feira, dirigi-me a Piracicaba, onde pretendendo ficar somente aquelle resto do dia e o sabbado, tive que la permanecer até segunda-feira, embarcando para Rio Claro neste mesmo dia, onde por ter perdido o trem, tive que pernoitar; chegando aqui em S. Carlos na quarta-feira a noite. Bens vês que a viagem foi longa e os muitos negocios que urgentemente tinha que liquidar, fizeram com que me atrasasse em te escrever. São motivos justos, não achas? Pensei que me escrevias antes de receber qualquer communição minha mas és muito caprichosa e passaria sem duvida todo o resto do ano neste mesmo silencio! As mulheres são todas assim? Creio que não.

Nesta carta Naninho demonstra o sentimento de dever em escrever e dar notícias a Esther, tanto por ir ao correio, como para receber. Novamente manda justificativas pela demora em escrever, pois teve uma sequência de viagens a trabalho. A contradição se mostra no fato de Esther ser traduzida como orgulhosa ao não escrever para Naninho, possivelmente como uma forma de puni-lo pela demora em escrever-lhe. Percebe-se o descontentamento de Naninho pela forma em que Esther o trata, ao afirmar que sabia que ela seria capaz de ficar sem escrever por todo o resto do ano por ser caprichosa e deixa explícito saber que nem todas as mulheres são assim, insinuando sua infelicidade com os caprichos e vaidades de sua amada.

Naninho comenta na carta do dia 19/10/1910, respondendo Esther, que a carta recebida foi desagradável e provavelmente, está muito aborrecida. Maximiliano a questiona se ele a aborrece. Pede que ela se resolva e seja sincera se ele ainda é digno do amor dela, senão irá parar de importuna-la. Justifica não ter mandado ainda o retrato que Esther pediu e explica a demora do envio de cartas, que é pelo excesso de trabalho e não

por esquecimento ou porque alguém não permitiu, como ela julgas. Descreve o seu dia-a-dia de trabalho e viagens para justificar a falta de tempo. Em sua última carta, onde o casal já se encontra casados, Naninho se mostra extremamente atencioso e carinhoso tanto com Esther como para com filho, Zezinho e demonstra seu amor por eles, e o quanto sente a falta de ambos.

Não imaginas o quanto tenho achado falta em ti e em nosso querido filhinho(...)É justamente no silêncio da noite que mais saudosamente recordo-me de ti e do adorado Zezinho(...)Sinto-me alegre com a leitura das tuas cartinhas. Leio-as por muitas vezes(...)Adeus Esther- abrace e beije mil vezes o nosso filhinho. Aceita o coração tristemente saudoso, ao teu fiel e sincero companheiro(...) (MEDINA, 1919)

Nesta carta Naninho enfatiza a importância de Esther para ele, ressaltando o quanto é ruim a ausência de sua amada em sua vida, dizendo que os dias, para ele, são tristes e intermináveis longe de Esther. As palavras de Naninho demonstram uma preocupação em agradar sua esposa sentimentalmente, pois esta aparenta-se ser alguém vaidosa, sentimental e temperamental, além de apaixonada. Naninho também demonstra sua preocupação com seu filho Zezinho. No restante, e quase grande parte da carta, este relata alguns eventos para sua esposa, o que representa um cuidado em sempre lhe deixar informada de alguns assuntos, ou pelo menos daquilo que lhe convém, pois não sabemos se ele possa ter suprimido algo para evitar algum desconforto. Por fim, Naninho recomenda lembranças e deseja felicidades aos demais integrantes da família, que mais detalhes seriam desnecessários. Além disso, diz adorar as cartinhas que Esther lhe envia, demonstrando sua preocupação em agradá-la. O contrário, para ela e pelo o que percebemos nas leituras das cartas, seria inaceitável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as cartas podemos encontrar em Maximiliano Medina a representação de Esther, cujos enunciados sugerem a mulher como dócil, compreensiva, consoladora e religiosa, ao mesmo tempo em que a desvela uma mulher geniosa, ciumenta e orgulhosa, o que se coaduna as características de uma mulher de elite. A análise da documentação permite considerar Esther como uma mulher apaixonada, portanto, preocupada com seu noivo, explicando sua vaidade e seu profundo desejo de atenção por parte de seu amado, sempre visando ter suas cartas respondidas, se apresentando frustrada quando o mesmo não acontece.

Podemos concluir, ainda que provisoriamente, que representação da feminilidade é significada pela mulher apaixonada amorosa, frágil, companheira, religiosa e sentimental. Contudo Esther também pode ser compreendida como uma mulher colérica, teimosa, vaidosa, caprichosa e orgulhosa. Porém, Esther sofre imposições comportamentais no que diz respeito de sua visão de mulher ideal, dadas as exigências de uma adequação social. Deste modo, conclui-se que Esther, era uma mulher que questionava o ideal de mulher amorosa e compreensiva. Ainda que assumisse os comportamentos desejáveis, também resistia aos imperativos que condicionavam as mulheres no início do século XX em São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Maria Helena C. ; CUNHA, Maria Teresa S.; MIGNOT, Ana Chrystina V. Laços de Papel. In: _____. **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar.** Passo Fundo: Editora Universitária, 2002, pp. 05-09

BURKE, Peter. A terceira geração. In: _____. **Escola dos Annales: a Revolução Francesa na historiografia.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1992, pp. 56-76

COSTA, Cléria Botelho da. História e Sensibilidades. **Revista Mosaico** v.1, n.1, p.106-108, jan/jun., 2008.

MATOS, M. Izilda S. . Por uma história da mulher. 2. ed. São Paulo: Editora EDUSC, 2000.

MENESES, J. R. . O Tema das Sensibilidades na Produção Historiográfica Contemporânea. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/conf-R.php>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

RODRIGUES, Marly. Vários cenários, múltiplas vidas. In: _____. **O Brasil na Década de 1910: A Fábrica e a Rua, dois palcos de luta.** São Paulo: Editora Ática, 1997, pp. 34-56.

PRIORE, Mary Del. Século XX: Da modinha à revolução sexual. In: _____. **História do amor no Brasil.** 3.Ed. São Paulo. Editora Contexto, 2012, pp. 228-318.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas.** São Paulo: Editora Unesp, 1992, pp. 63-96.